3 1761 08160947 1

Cabral, Gonçalo
India Portugueza

DT
498
.7
C3

GONÇALO CABRAL
CAPITÃO D'ENGENHARIA

INDIA PORTUGUEZA

A PROPOSITO DOS ACONTECIMENTOS DE SATARY

1912
MAGALHÃES & MONIZ, L.da — EDITORES
11, Largo dos Loyos, 14
PORTO

Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/ndiaportugueza00cabr

Da Bibliotheca
de
Luiz Braço

INDIA PORTUGUEZA

TYP. DA EMP. LITTER. E TYPOGRAPHICA
(Officinas movidas a electricidade)
R. Elias Garcia, 184 PORTO MCMXII

GONÇALO CABRAL
CAPITÃO D'ENGENHARIA

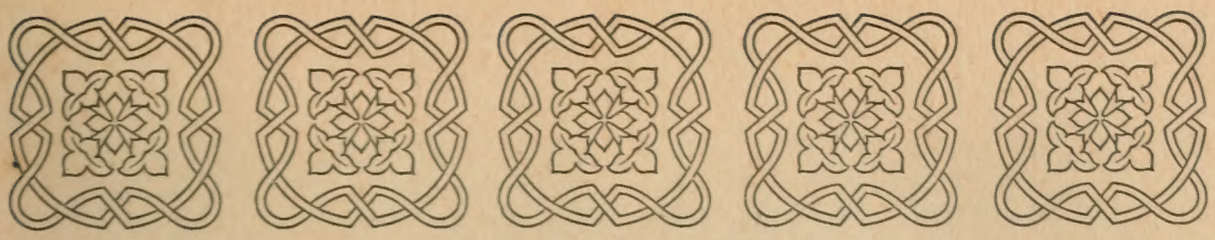
INDIA PORTUGUEZA

A PROPOSITO DOS ACONTECIMENTOS DE SATARY

1912
MAGALHÃES & MONIZ, LIM.da — EDITORES
11, Largo dos Loyos, 14
PORTO

DT
498
.7
C3

LIBRARY
APR 28 1970
UNIVERSITY OF TORONTO



INDIA PORTUGUEZA

A PROPOSITO DOS ACONTECIMENTOS DE SATARY

Ha mezes a esta parte que, nalguns pontos da India Portugueza, conhecidos pela designação generica de «Novas Conquistas», e, em especial, na Provincia de Satary, se veem passando certos factos anormaes que teem alterado profundamente a usual pacatez da Colonia e cujo echo se tem feito sentir na Metropole, onde, na Imprensa e no Parlamento, elles teem sido discutidos e commentados. Não deixará, pois, de ter certo interesse a narração dos acontecimentos, das suas causas e effeitos; mas, para que este assumpto possa ser bem comprehendido por aquelles que pouco ou nada conhecem a região que tem sido o theatro das occorrencias a que teremos de nos referir, — e são elles o maior numero, — é indispensavel, primeiro, fazer uma descripção, embóra succinta, de Satary e dos seus habitantes.

A Provincia de Satary occupa o angulo nordeste do territorio Portuguez de Gôa, sendo actualmente limitada a norte e leste pelo districto de Saunt-vary e collectorado de Belgão da India Ingleza, ao sul pela Provincia de Embarbacem e ao poente pelo concelho de Sanquelim; cóbre uma área approximada de 440 kilometros quadrados, tendo por capital Valpoy, povoação situada proximamente ao centro da Provincia, junto do rio Velluz.

Região essencialmente montanhosa, encontram-se em Satary as maiores altitudes do territorio de Gôa, sendo as mais notaveis: — o monte Zormem, com 725 metros d'altitude; Salili, com 662 metros; Olon, em Caranzol, com 579 metros; Codal, com 404 metros; e, na fronteira leste, na cordilheira dos Gattes, o monte Darsinga, que tem uma altitude de 1.025 metros. Pelas vertentes d'estes montes correm numerosas linhas d'agua que, reunindo-se, vão formar os rios mais importantes da Provincia, — o Madei, que atravessa Satary na direcção NESO, nasce nos Gattes, ao norte de Darsinga; engrossado com as aguas de numerosissimos pequenos affluentes, sendo o mais notavel o rio de Nanorem que, vindo do norte, atra-

vessa as aldeias de Satrem, Codal, Nanorem e Meloli, segue pela «Pedra do Mel», Sanvordem e Nanuz, e, em Vantem, recebe as aguas do Rogaró, importante linha d'agua vinda do SE; continuando no seu curso, e já fóra da Provincia, passa em Gangem e Usgão, junta-se depois com o rio de Candeapar e, passando em Piligão, vem finalmente formar o rio Mandovy, que banha as cidades de Velha-Gôa e Pangim e desagua no Oceano Indico na enseada da Agoada. O Madei é navegavel para grandes «tonas» até Gangem, onde chegam as marés; d'ahi para cima, é navegavel para pequenas canôas até proximo da Pedra do Mel. — O rio Velluz é um affluente do Madei, nasce ao norte da Provincia, em Quelaudem, e, seguindo a direcção geral, norte-sul, atravessa a fertilissima região central de Satary, formada pelas aldeias de Tanem, Bocal, Palle, Edorem, Compordem, Satorem, Velluz e Massordem, indo desaguar no Madei em Codqui. — O rio Volvota nasce tambem perto de Quelaudem, mas já fóra do nosso territorio, e, seguindo a direcção sudoeste, passa em Querim, Morlem, Poriem e Sanquelim, e continuando por Ozri e Verdi vae desembocar no Madei pouco a montante de Piligão; é navegavel até Sanquelim, onde chega o effeito das marés. — Além d'estes rios mais importantes, a região de Satary acha-se cortada por uma infinidade de pequenas linhas d'agua, correndo em todos os sentidos, mas que, em grande parte, seccam durante os mezes de estiagem.

De vias de communicação, está muito mal servida a Provincia da Satary. A principal arteria é a estrada que, partindo de Sanquelim, vae por Onda e Buimpal até Valpoy, e d'aqui segue pela Pedra do Mel e Caranzol até á fronteira ingleza, proximo de Krisnampur, ligando com a estrada de Quelgate. De Sanquelim até Valpoy (17 kilometros), está a estrada razoavel, tendo todas as obras d'arte em bom estadado; e, no corrente anno, estava ella soffrendo grandes reparações, devendo, depois d'estas concluidas, ficar uma bôa estrada. De Valpoy para deante, não merece bem o nome de estrada: — em varios pontos, principalmente depois da passagem do Madei, está num estado desgraçado, faltando-lhe quasi todas as obras d'arte, das quaes duas, as pontes sobre os rios Velluz e Madei, são obras d'um certo vulto; e assim, esta estrada, já que por tal nome é conhecida, só serve para as boiadas que por ella descem dos Gattes, ou para carros de bois de construcção muito rudimentar, — e, durante a epocha das chuvas, fica completamente intransitavel. — A outra estrada que liga com a India Ingleza é a que partindo tambem de Sanquelim, atravessa Poriem e Morlem, seguindo approximadamente o curso do rio Volvota, passa em Quelaudem e liga na fronteira com a estrada dos Gattes de Chorlem. Esta estrada, muito bôa á sahida de Sanquelim, vae successivamente tornando-se peior e, de Morlem para deante, faltam-lhe algumas obras d'arte; na parte final da sua extensão, em Quelaudem, não passa d'uma carreteira em pessimo estado. — Ha ainda a estrada de Valpoy a Codal que, com uma despeza relativamente pequena, poderia ser transformada numa bôa via de communicação; mas, actualmente, faltam-lhe todas as obras d'arte e tem, logo depois da passagem do Velluz, umas rampas muito fortes.

Alem d'estas «estradas», ha uma carreteira que liga Valpoy com Quelaudem, seguindo junto do rio Velluz em quasi toda a extensão; está em pessimo estado, faltam-lhe as obras d'arte e tem rampas formidaveis, o que a torna intransitavel a não ser para peões, cavallos ou bois e, diffi-

cilmente e só no periodo de estiagem, para os carros de bois empregados na Provincia; — e outra que, partindo de Valpoy, passa em Nanuz e, atravessando o Madei, liga para Embarbacem e Pondá, — e que se acha, tambem, num estado lamentavel em quasi toda a sua extensão.

Afóra estas vias já indicadas, ha varios caminhos, — mais ou menos transitaveis para peões que se não importem muito com as agruras do terreno.

Quasi toda a região de Satary é fertilissima. Os valles e terrenos baixos, formados por terrenos d'alluvião e detrictos de laterite e outras rochas, cobertos por uma espessa camada de humus, são eminentemente proprios para todo o genero de culturas tropicaes ricas: — a borracha, o café, a baunilha, a canna sacharina, etc., e muitos terrenos ha em que, certamente, o cacau se poderia cultivar com grande exito. Uma grande parte d'estes terrenos é cortada por linhas d'agua permanentes, a sua irrigação seria facilima e poderia fazer-se com muito pequena despeza. Bastará lembrar a este respeito que Satary é uma região muito accidentada e sobre a qual cahem, em média, uns 4 metros d'agua, durante os mezes das chuvas. As encostas dos montes e os altos são cobertos por mattas densissimas, nas quaes abundam especies florestaes de valor, como o sissó, a mareta, em alguns sitios a téca, etc. Infelizmente, estas mattas nunca fôram tractadas nem cuidadas, de maneira que a vegetação arbustiva e sub-arbustiva, d'uma pujança extraordinaria, atrophiou quasi por completo as grandes arvores, que se não desenvolvem devidamente, são quasi sempre tortas e, d'uma fórma geral, improprias para dar madeiras de construcção. Estas mattas são, em geral, mais propriamente mattos, quasi impenetraveis a não ser para as féras e animaes bravios que nellas abundam, e o unico producto que d'ellas se tira é lenha para queimar. Em muitos sitios vêem-se no meio das mattas grandes manchas de terrenos absolutamente escalvados, d'um tom triste e sombrio: — são os effeitos dos «cumerins», de que adeante fallaremos, mas que, desde já, podemos classificar como um dos mais ruinosos e, diga-se a verdade, dos mais vergonhosos flagellos das Novas Conquistas.

Com um sólo fertilissimo, muita agua, e terrenos quasi de graça como, pela legislação vigente, são os de Satary, pareceria natural que esta região fôsse um centro agricola de primeira ordem, rico e bem aproveitado. Na pratica, Satary é, cremos, a parcella mais pobre do nosso territorio de Gôa; e a agricultura... a bem dizer, não existe, pois não se póde, no seculo XX, chamar «agricultura» aos processos rudimentares e geralmente selvagens por que são exploradas umas pequenissimas parcellas do sólo fertilissimo da Provincia.

Culturas racionaes, só houve em Satary as que fôram feitas, ha cerca de 50 annos, pelas emprezas que se estabeleceram em Amberem-Codal, na Pedra do Mel, em Compordem, etc. Estas emprezas, — extrangeiras todas, como entre nós costuma succeder, — fizéram extensas plantações, principalmente de café, que chegaram a um estado prospero e florescente, mas que depois fôram abandonadas e se aniquilaram por completo por motivos que aqui não importa discutir, mas que fôram, principalmente e em resumo, devidos á pessima administração e falta de segurança pessoal e individual. Alem do café, fizeram-se experiencias de cultura de outras especies, entre ellas o cacau, a baunilha, o gengibre, etc., — e, ainda ha poucos mezes, havia em Amberem-Codal restos das plantações ali feitas, que demonstravam á evidencia a adaptabilidade á região das culturas ali tentadas.

Ha uns trez annos, — desde a ida para Satary do actual Commandante Militar, Capitão d'artilheria Arnaldo da Cunha Rolla Pereira, e devido ao trabalho, á energia, aos muitos conhecimentos d'agricultura tropical e á propaganda intelligente e incansavel d'este senhor, que tem sido um verdadeiro apostolo das riquezas agricolas da região, — a Provincia ia, lenta mas seguramente, caminhando para um futuro prospero, com a introducção de culturas novas e ricas e de processos tambem novos e civilisados de agricultura. Do interesse que, em toda a Colonia, se ia despertando por Satary e as suas riquezas agricolas, é testemunho evidente o grande numero de concessões que nos ultimos tempos ali eram pedidas. E era um facto notavel, e que impressionou toda a gente que visitou Satary pouco antes das recentes e selvagens depredações ali havidas, o verem-se já, em muitas aldeias, pequenos aforamentos plantados de kesri ou borracha, com os seus pés de café, de baunilha, etc. Tudo isto estava em principio, as plantações eram, por emquanto, quasi todas em muito pequena escala; mas era sempre um principio, o inicio da riqueza futura de Satary e da Colonia inteira. D'entre as plantações que já se achavam feitas em Satary, não podemos deixar de citar em especial as de Compordem, que, pela sua área e desenvolvimento, se destacavam muito de todas as outras, — embora nós, como directamente interessados, tenhamos de deixar para outros a apreciação dos trabalhos ali feitos. Podemos, em todo o caso, dizer que estas plantações cobriam já uma área de uns 80 hectares, comprehendendo perto de 80.000 pés de kesri, na maioria já producentes, mais de 20.000 pés de borracha, entre Ceará e Pará, bastante baunilha, café, gengibre, açafrão, etc., e iniciára-se ha pouco uma plantação de kapok que promettia dar muito bons resultados. Só quem de perto viu estas cousas, quem passo a passo acompanhou o desenvolvimento das novas plantações em Satary, é que póde bem comprehender a desolação, a infinita tristeza que causa o aspecto d'essas mesmas plantações como ellas hoje se encontram: — campos inteiros cobertos de cinzas, com o ar funebre das cousas mortas, destacando-se apenas d'este fundo uniforme, muito alinhadas pelo terreno fóra, as estacas carbonisadas d'aquillo que ha dias era um lindo pé de borracha ou um viçoso kesri. O que isto representa de atrazo para a Provincia, e para a Colonia em geral, ninguem o poderá calcular. É um retrocesso de muitos annos, — e, se parar é morrer, o que será retroceder?

Emquanto pela iniciativa particular se iam fazendo as plantações a que nos referimos, o Capitão Rolla Pereira, sempre incansavel na sua actividade, ia percorrendo a Provincia em todos os sentidos, estudando a sua flóra, procurando por todas as fórmas colher dados sobre a applicação e valor commercial das especies que ia encontrando. Foi assim que conseguiu obter uma collecção de amostras de mais de 30 productos indigenas das mattas de Satary, — guttas, balatas, fibras para cordoaria e para papel, sementes oleaginosas, plantas tanninosas, etc. D'estas amostras, muitas foram mandadas para casas compradoras de productos coloniaes, obtendo algumas d'ellas cotações extremamente favoraveis. Estava, pois, indicado o caminho para a iniciativa de particulares ou de emprezas que, certamente, encontrariam na exploração racional de taes productos um bello campo para a sua actividade. Ao mesmo tempo, ia tambem o Capitão Rolla Pereira dirigindo as plantações feitas pelo Governo da Colonia, em Amberem-Codal e Valpoy; fez ensaios de sangrias nas poucas arvores de borracha, já adultas, que encontrou,

demonstrando á evidencia a inepcia da asserção de que a Ceará, em Gôa, se dá muito bem, mas não produz latex; fez e ensinou a fazer com magnificos resultados a fecundação artificial das flores das soberbas trepadeiras de baunilha que existiam em Amberem-Codal, abandonadas por todos como cousa inutil e sem valor; ia visitando os novos aforamentos que eram dados na Provincia, incitando os concessionarios a trabalhar, ensinando a fórma de fazer viveiros, de plantar e tratar as novas culturas, — interessando-se por todos estes trabalhos como se fossem cousa sua. Numa palavra, por todas as fórmas e processos, o Commandante Militar de Satary ia fomentando o desenvolvimento agricola da Provincia, convencido, e com justos motivos, de que na agricultura está a riqueza futura da Colonia. Prégando com o exemplo o amor ao trabalho; sempre firme no seu proposito, indifferente aos dictos dos que sempre criticam ou negam tudo, do alto das columnas d'um jornal ou muito bem sentados em commodas cadeiras, — por acharem mais facil e rapido este trabalho estupido de resistencia passiva do que as fadigas e difficuldades das marchas pelo matto, debaixo do sol abrazador da India, para ir ver ou estudar qualquer assumpto; dedicando á sua nobilissima missão um enthusiasmo, uma fé, uma energia e uma intelligencia muito fóra do vulgar, — o Capitão Rolla Pereira impoz-se ao respeito e admiração de todos aquelles que o viram trabalhar, e de todos os que, imparcialmente e com verdadeira justiça, queiram estudar o que foi a sua acção em Satary.

A primitiva Provincia de Satary, comprehendendo, além da região hoje conhecida por este nome, a maior parte da área do actual concelho de Sanquelim, fazia parte dos dominios do Bounsoló, rajah de Saunt-vary, que a cedeu, pela quantia de 3.000 rupias, a Purisrama Rane e Satrogi Rane, dessays de Sanquelim, com a condição de estes promoverem a sua colonisação e cultura. Escusado será dizer que esta condição nunca foi cumprida, e os ranes, senhores de Satary, nunca se importaram de saber se os terrenos eram cultivados ou não, preoccupando-se apenas de exigir dos miseraveis «roitos», verdadeiros servos da gleba, cultivadores directos do sólo, uma obediencia servil e absoluta e, ao mesmo tempo, o pagamento de fóros, rendas e pensões com que mantinham o seu viver de senhores ociosos e inuteis.

A Provincia de Satary foi conquistada para o dominio Portuguez em 1746, pelo Vice-Rei Marquez d'Alorna; tendo-se revoltado em 1758, sob a direcção e commando dos seus ranes, foi reconquistada definitivamente em 1781. O Governo Portuguez conservou aos ranes e dessays todas as mercês que elles possuiam e, apezar de todas as lições da historia, tem seguido sempre, até hoje, essa politica, considerando-os mais ou menos como os verdadeiros senhores de Satary. Por seu lado os ranes, sempre infieis e sempre desejosos, por motivos que facilmente se comprehendem, de conservar o seu prestigio sobre os povos trabalhadores da Provincia, nunca perderam uma occasião de se revoltarem, trazendo o Governo da Colonia em perpetuas inquietações e creando, em face dos roitos e gaulins, a fama de invenciveis de que hoje gozam. Desde a reconquista de Satary até 1852, houve dezesete revoltas dos ranes. Em 1852, governando a India o Visconde de Villa Nova d'Ourem, houve a celebre revolta do Dipú Rane, que custou muitas vidas e muito dinheiro a Portugal, e que só foi dominada trez annos mais tarde, em 1855, sendo Governa-

dor o Conde de Torres Novas. Pois, apezar dos sacrificios que nos custou, o castigo de Dipú Rane foi... o perdão, e o estabelecimento de uma pensão de 500 rupias para si e seus sobrinhos! Em 1895, nova revolta, esta muito conhecida, hoje, pela expedição que a veio abafar, commandada pelo Senhor Infante D. Affonso, e composta de 22 officiaes, 27 officiaes inferiores e 540 soldados e corneteiros. Uns mezes de operações e, em Maio de 1896, regressava o senhor Infante a Portugal, — « concedendo, á sua despedida, amnistia aos revoltosos, como era de esperar da magnanimidade de uma pessoa da Familia Real », — segundo consta da historia. Uns annos de socego e, em 1901, sendo Governador o General Galhardo, houve nova revolta dos ranes, iniciada pelo assassinato, em Valpoy, do Tenente Bastos e Silva. A revolta foi denunciada a tempo, o que, infelizmente, não succedeu agora; os chefes do movimento fôram presos e deportados para Timor, ficando, assim, abafada a rebellião.

Vem aqui a proposito contar uma historia — veridica —, que é a melhor synthese que conhecemos do que tem sido, até ha pouco tempo, a nossa acção em Satary. Um official Portuguez, administrador de Sanquelim logo a seguir aos acontecimentos de 1901, perguntava a um velho rane de Nanuz, qual a razão porque a sua gente periodicamente se revoltava, quando sabia que havia de acabar sempre por se submetter... Ao que o velho, que, pelos vistos, conhecia bem a historia e a psycologia da sua terra, respondeu: — Senhor... Ranes faz revolta... Governo Portuguez mandar grande expedição, muito soldado com muito official e muito corneteiro e um capitão (commandante). Gente ouve muito tiro e todos os dias tocar cornetas... Depois, ranes ficar muito quietos e Governo perdoar ranes... Depois vae embóra capitão com corneta; depois vae embóra muito official com mais corneta... fica só sargento com pouco soldado, já não ouve tocar recolher nem nada; depois vae embóra sargento e fica só muito pouco soldado. Depois... ranes faz revolta outra vez »!... E' expressivo, e é verdadeiro.

Mas quem são, afinal, estes «ranes» tão terriveis? Procuraremos dizel-o, fazendo um ligeirissimo esboço dos povos de Satary. A população de Satary póde separar-se nitidamente em duas classes: — a classe nobre comprehende os ranes com os seus titulares, dessays, e sar-dessays, os bottos e os narcornins; a outra classe, dos trabalhadores, comprehende os «graulins» ou « goulys », — pastores — e os « roitos » ou cultivadores directos da terra, com os seus « gauncares » que são, d'uma fórma geral, os aldeanos mais considerados, especie de chefes de familias ou de tribus.

Os «ranes», de raça maratha, descendentes d'uma gente guerreira, outr'ora senhores de grandes dominios, são hoje em numero relativamente pequeno; pela maior parte degenerados, são, em geral, uma casta inutil e improductiva. Possuidores de grandes áreas de terrenos, pelos quaes nada pagam ao Estado, fazem cultivar as suas terras, ou parte d'ellas pelos desgraçados roitos, a quem tiram tudo quanto pódem, sob a fórma de tributos, rendas, fóros, pensões, etc. Dedicam-se geralmente á caça, e pouco mais fazem, — a não ser provocar e dirigir as revoltas periodicas de Satary. Gozam d'um prestigio enorme sobre as classes inferiores da Provincia, — prestigio que veio, primeiro, da tradição e da supremacia de raça, e que elles teem procurado manter atravez dos tempos por todos os meios ao seu alcance, especialisando o terror; prestigio, alem d'isso que o Governo Portuguez, com uma sollicitude verdadeiramente paternal, lhes tem conservado a augmentado, pela fórma como teem

sido liquidadas todas as revoltas de Satary. Com effeito, ellas teem todas terminado por uma amnistia, ou perdão, ou o que lhe queiram chamar, depois de um periodo mais ou menos longo de operações, de pouco ou nenhum effeito prático, — pois os ranes nunca atacam de frente, mas sempre traiçoeiramente, escondidos pelo matto, pelas arvores ou pelas irregularidades do terreno, que em Satary é eminentemente proprio para este genero de guerrilhas; disparam muitos tiros, que, tambem, em geral, poucos estragos causam, e depois fogem para os seus montes, onde é quasi impossivel ás nossas tropas seguil-os, pois só elles e os animaes bravios que habitam o paiz é que conseguem andar com facilidade por aquelles mattos quasi impenetraveis; de fórma que as nossas forças rarissimas vezes conseguem *ver* os revoltosos, — muito menos inflingir-lhes uma derrota que os aterrorise e que realce o prestigio dos Portuguezes perante os Satarienses. E quando, depois d'alguns mezes d'uma campanha assim, o Governo Portuguez liquida tudo por uma generosa amnistia, — qual é a conclusão logica a que chega um roito ignorante e selvagem, ao ver o rane, o seu senhor, perdoado e considerado, — ás vezes feito alferes ou tenente de segunda linha, — com todos os seus bens e haveres conservados e até, por vezes, augmentados?... Evidentemente, attribue o facto á impotencia das forças portuguezas para dominarem aquelles grandes guerreiros, os ranes: e desde que os brancos, os conquistadores, poderosos e bem armados, assim pensam,—que hão-de elles fazer, pobres desgraçados, senão considerar os seus ranes como invenciveis, uns deuses, a quem elles devem o tributo da sua obediencia servil, do seu trabalho e, se preciso for, da sua vida?

« Desaiy » e « Sardesaiy » são individuos a quem fôram feitas mercês honorificas, acompanhadas de concessões de terrenos ou fóros, direitos ou outras contribuições ou pensões. São em pequeno numero, quasi todos mercenarios do Estado, e não fórmam uma classe distincta: — são, em Satary, ranes a quem fôram feitas aquellas mercês.

Os « bottos » são os sacerdotes gentilicos, entregam-se principalmente á agricultura e as suas propriedades são, em geral, as que se acham mais bem tractadas. São frequentemente usurarios, ou servem de intermediarios entre estes e os roitos. Teem, é claro, um grande dominio sobre os roitos e goulys: — o dominio que lhes dá o sacerdocio e que, entre gente ignorante, supersticiosa e quasi selvagem como aquella, é colossal. D'este dominio se servem para regular a sua vida da melhor fórma possivel, e são, relativamente, abastados.

« Narcornim » significa « escrivão da camara geral». Em Satary não ha camara, — mas isso não impede que certas familias conservem este titulo, que traz consigo a posse de certos terrenos, e uma auctoridade grande sobre os roitos e goulys. Como os ranes e os bottos, os narcornins tractam de explorar o mais que pódem o trabalhador, — e interessam-se pelas suas questões judiciaes.

Chegamos, finalmente, ás classes trabalhadoras. Estas definem-se em poucas palavras. Gente essencialmente ignorante, quasi selvagem, em grande parte. Muitissimo indolente, sem estimulos nem ambições de especie alguma, contentam-se em ter o sufficiente para não morrer á fome: — é typico e bem frisante o caso seguinte: o salario normal de um homem em Satary é de 3 tangas (approximadamente 65 reis da moeda Portugueza), salario que, parecendo extremamente reduzido, o não é de facto, porque o trabalho produzido é muitissimo pequeno; pois quando, ás

vezes, por falta de braços, se teem elevado os salarios a 5 e 6 tangas, os homens geralmente veem ao trabalho só trez ou quatro dias na semana, porque, dizem, sendo os salarios maiores, ganham nesses dias o mesmo que ganhariam trabalhando toda a semana com os salarios normaes... Extremamente supersticiosos, vivem num terror abjecto dos seus deuses e dos representantes d'estes, os bottos; habituados desde tempos immemoriaes ás extorsões e ao jugo dos seus maiores, são d'um servilismo absoluto para com os ranes, bottos e narcornins, não fazendo nem decidindo nada sem a auctorisação d'elles; d'uma indole em geral pacifica, por indolencia, quando mais não fôsse, — são levados ás revoltas e depredações pelos ranes, que dispõem d'elles a seu bel-prazer. De resto, cidadãos eleitores de toda a respeitabilidade.

A maior parte dos terrenos de Satary é do dominio do Estado, que os concede em aforamentos ou por arrendamento nos termos da lei vigente, actualmente a portaria provincial n.º 153, de 8 de Maio de 1906. Existem, porém, certas áreas de terrenos, — os mocassós e inamas, — que são predios rusticos, possuidos pelos dessays e outros, que por elles não pagam fôro nenhum. Tiveram a sua origem em doações regias que os imperantes fizeram a certos individuos, e fôram mantidos pelo Governo Portuguez depois da conquista e em seguida a cada uma das revoltas a que já nos referimos. Não sabemos ao certo a área que occupam estas concessões, mas é, cremos, superior a 100 kilometros quadrados, comprehendendo, em geral, os melhores terrenos da Provincia. A maior parte dos terrenos dos macassós e inamas está absolutamente inculta, ou é cultivada de culturas pobres e por processos rudimentares. E assim acontece que grandes áreas de terras estão na posse de individuos que as não sabem, não podem ao não querem aproveitar, nem permittem que outros as aproveitem: e dá-se a injustiça revoltante de haver uma classe privilegiada, que nunca fez nada absolutamente pelo bem do Paiz, antes, pelo contrario, o tem prejudicado constantemente com a sua rebeldia, — senhora de grandes propriedades, das melhores da India Portugueza, pelas quaes não paga fôro ou imposto de especie alguma; emquanto que os outros, os que trabalham e produzem, todos, sem excepção, ricos, ou pobres, naturaes ou extrangeiros, pagam fóros, ou rendas, ou os impostos variados que o Estado julga justo ou conveniente fazer incidir sobre as suas propriedades. Isto é immoral e, em bôa verdade, um tanto ridiculo, e tinha forçosamente de ser modificado, mais cedo ou mais tarde. A primeira tentativa neste sentido foi feita pelo Regulamento dos Dessayados, approvado por decreto provincial n.º 14, de 22 d'Outubro de 1896. Esta lei, que tributava os macassós e inamas, nunca foi, porém, posta em vigor; é triste confessal-o, mas a verdade é que á sua applicação obstou sempre... o medo das revoltas dos ranes! O actual Commandante Militar de Satary pugnou sempre pela applicação da lei, o que, certamente, lhe deve ter acarretado fundas antipathias; propoz, porém, que os fóros nella fixados fôssem consideravelmente reduzidos, pois eram realmente exagerados, em proporção dos que se acham prescriptos na portaria provincial n.º 153, a que já nos referimos. No projecto de regulamentação para o regimen de concessões de terras, ultimamente elaborado nesta Colonia e que deve em breve ser submettido á approvação do Governo da Metropole, estabeleceram-se as condições em que

ficarão subsistindo os mocassós e inamas, fixando-se os fóros, que por taes concessões seriam cobrados, de harmonia com os que se acham estipulados para os outros terrenos da Provincia, — fóros que, diga-se de passagem, são ridiculamente baratos, se attendermos á qualidade dos terrenos a que se applicam.

Além dos mocassós e inamas, existem em Satary varios aforamentos perpetuos, concedidos a individuos extranhos á Provincia; e os aforamentos provisorios, concedidos em grande numero aos naturaes, cultivadores directos do sólo. Uma das «reclamações» apresentadas nos ultimos tempos pelos povos de Satary é, precisamente, dirigida contra estes aforamentos. Diziam elles que queriam que os aforamentos que lhes são feitos fôssem definitivos, como os que são dados a extrangeiros. É claro que esta reclamação não é original dos roitos, que seriam incapazes, por si, de a fazer; e, para quem conhecer bem o Paiz e a lei, transparece nella muito claramente a intenção dos que a inspiraram. Com effeito, ao cultivador não póde fazer differença nenhuma que a concessão seja provisoria ou definitiva: os direitos e regalias são, áparte a differença adeante indicada, os mesmos para ambas; e, desde que sejam cumpridas as condições do contracto, tambem eguaes para uma e outra especie, os aforamentos provisorios passam a definitivos ao fim de um certo prazo de tempo (20 annos, pela portaria provincial n.º 153; 10 annos, pela portaria provincial n.º 67, de 14 de Fevereiro do corrente anno). Existe, sim, uma differença fundamental: — as concessões provisorias não dão direito a que o concessionário possa «... vender, hypothecar ou, por qualquer maneira, transmittir a propriedade do terreno que lhe for concedido provisoriamente, o qual, como propriedade do Estado, não póde soffrer qualquer penhora, a não ser dos fructos colhidos ou pendentes»; emquanto que as concessões definitivas podem ser vendidas, hypothecadas, penhoradas, etc. Não é difficil, em face d'esta disposição da lei, comprehender o motivo por que as concessões definitivas desagradam... aos individuos que inspiraram a reclamação. O roito, desde que obtem uma concessão provisoria, liberta-se até certo ponto do jugo escravisador dos seus tradicionaes senhores; tem a sua pequena propriedade, que não lhe póde ser tirada por nenhuma artimanha dos que são mais poderosos ou mais espertos do que elle; nessa propriedade trabalha, e d'ella póde tirar o sufficiente para o seu sustento, — sem ter que pagar ao senhorio trez quartas partes da colheita, a titulo de pensão ou fôro pela occupação do terreno. Se a concessão fôsse definitiva, o que succederia? Ao fim do primeiro anno, o roito precisaria de dinheiro para comprar sementes ou qualquer das suas rudimentares alfaias agricolas; para isto recorreria ao botto, dessay ou qualquer outro senhor, que lhe emprestaria o capital necessario, sobre hypotheca do terreno da concessão; o roito nunca poderia solver a sua divida, porque o usurario teria bom cuidado em apresentar uma conta de juros que tornasse impossivel uma tal pretensão; e, passados dois ou trez annos, o terreno passaria definitivamente para a posse do «senhor», e o pobre roito teria, para não morrer á fome, de se sujeitar a ser um servidor incondicional, sem salario, percebendo apenas, em generos, o sufficiente para se manter vivo, — devendo, ainda por cima, ao seu dono, uma gratidão infinita pela generosidade com que, em tempos, occorrêra á sua penuria, e pela solicitude com que hoje velava pelo seu sustento. — Outra differença existe entre os aforamentos provisorios

e os definitivos: — é que, por aquelles, pagam os concessionarios á Fazenda Nacional 5 rupias (1$750 reis), emquanto que por estes se pagam 15 rupias (5$250 reis), — quantia em geral muito acima das forças de um roito. Além d'isto, segundo o novo projecto de regimen de terras, as concessões definitivas serão obrigadas ao respectivo titulo de concessão, o que sempre importa uma certa despeza, emquanto que as provisorias ficarão dispensadas d'esta obrigação. Vê-se, portanto, que a lei, prescrevendo para os naturaes os aforamentos provisorios, foi previdente e procurou proteger efficazmente os pobres, defendendo-os contra a cubiça dos ricos. Pois, apezar d'isso, apontam-se os aforamentos provisorios como uma das causas do descontentamento e sublevação dos *povos* de Satary. Quem tal diz e defende, ou não conhece a questão, ou, por força, tem grande empenho em que os roitos possam vender e hypothecar as suas propriedades!

A agricultura em Satary está, pode dizer-se, no estado rudimentar. Aparte as novas culturas a que atraz nos referimos, cultivam-se, em pequena escala, o coqueiro e a arequeira; ha plantações minusculas de canna sacharina, geralmente destinada ao consumo particular do proprietario; fazse, é claro, a classica cultura do arroz, de uma ou duas novidades; e, sobretudo, o «nachinim», «pacôl», «tory», «colita», etc., — cereaes de inferior qualidade mas de facil cultura, que constituem a base principal da alimentação das classes pobres em Satary. Existem, aqui ou acolá, principalmente nas propriedades dos bottos, uns pés de gengibre, açafrão, vetiver, kesri, etc., e nalguns sitios ha plantação de cajual. Mas tudo isto em tão pequena quantidade, ou tão mal aproveitado, que nem merece referencia especial. Os systemas empregados para todas estas culturas são os primitivos; não se empregam adubos, nem se fazem trabalhos de irrigação, aliás facilimos em muitos casos; as alfaias empregadas são o mais rudimentares possivel. D'aqui resulta, tambem, que a producção é, em geral, pequena. Mas em Satary, como por quasi toda a parte nas Novas Conquistas, o systema predilecto de cultura é o «cumerim». Este systema, cujo emprego em tão larga escala ainda hoje, é uma nodoa que recahe sobre a administração Portugueza na India, consiste essencialmente no seguinte: — pouco antes das chuvas, e obtida a licença competente, o indigena, corta o arvoredo d'uma certa porção de floresta, e lança-lhe o fogo, tendo, porém, de cumprir com certas prescripções para impedir que elle se propague ao resto da matta; sobre as cinzas de que fica coberto o terreno, lança a semente, em geral de nachinim, e depois espera que as chuvas e o calor produzam o seu effeito creador; em fins de Setembro ou Outubro, colhe o fructo, que lhe dá alimentação sufficiente para todo ou parte do anno, tempo durante o qual se deita a dormir, ou vae á caça. Vê-se que o trabalho com tal cultura é muito reduzido: quando muito, ha o trabalho de vigiar o terreno onde ella é feita, durante os ultimos tempos, para defender a colheita contra os estragos causados pelos javalis e veados. E o Satariense realisa com o cumerim a sua suprema ambição, tudo o que constitue a sua maior felicidade, — ter comida, má e em pequena quantidade, embora, mas sem ter trabalho nenhum ou quasi nenhum.

Mas, quaes os effeitos dos cumerins?... Em primeiro logar, a sua ampla permissão constitue uma efficaz protecção official á preguiça e inercia dos povos das Novas Conquistas. Emquanto os indigenas puderem fazer cu-

merins á sua vontade, escusado é esperar que elles se dediquem a outros trabalhos, mais proficuos mas mais arduos. Muitas aldeias ha, onde varzeas magnificas são deixadas por cultivar, emquanto as mattas são barbaramente destruidas por cumerins. Depois, os prejuizos materiaes causados pelos cumerins são enormes. Os terrenos onde elles são feitos ficam 20 e mais annos de pousio, á espera que volte a crescer o arvoredo, para novamente ser cortado e queimado; as terras ficam exhaustas por muito tempo, não produzindo, sequer, umas magras hervas para alimentação dos gados; arrazam-se mattas inteiras, perdendo-se por completo as madeiras e quaesquer productos de valor que lá possam existir; e, peior que tudo isto, são os effeitos terriveis que dos cumerins resultam para o regimen das aguas. É de todos conhecida a enorme influencia que as mattas exercem sobre as condições metereologicas d'um paiz; ellas são as reguladores naturaes da temperatura e da quéda das chuvas. Todos os individuos que conhecem Satary ha muitos annos notam as exageradas differenças de temperatura que ali ha, hoje, entre o inverno e o verão; e não ha ninguem na India Portugueza que se não queixe da falta das «chuvas da terra», — chuvas que veem com a monção de NE, e que são d'uma importancia vital para a agricultura, pois cahem numa epocha em que a terra está seca e árida. Não se póde deixar de attribuir estes funestos effeitos á impensada destruição dos arvoredos pelos cumerins. Alem d'isso, as florestas dão á terra uma adubação natural, com a folhagem que cahe constantemente; evitam com as suas raizes o arrastamento das terras pelas chuvas torrenciaes, impedindo assim, indirectamente, o assoreamento dos rios; á sua sombra e frescura se conservam, durante os mezes de estiagem, as hervas para pastagem dos gados; e, finalmente, sendo bem exploradas, são uma enorme e inexgotavel fonte de riqueza. Por todos estes motivos, a conservação e reproducção das florestas foi sempre, e é sobretudo hoje, objecto dos maiores cuidados, e um dos assumptos de maior e mais vital interesse para os legisladores de todos os paizes civilisados do mundo. Na India Portugueza, e exceptuando certas áreas reservadas como mattas nacionaes, as florestas são queimadas todos os annos, sob a fiscalisação e protecção do Governo...

A extincção dos cumerins impõe-se como medida de bôa administração e de sã moral, e, se não podér ser posta em pratica de um dia para o outro, que se vá, ao menos, restringindo a sua permissão. A já citada portaria provincial n.º 153 prescrevia que a área concedida para cumerins devia diminuir todos os annos de uma vigessima parte. Esta disposição da lei nunca se tornou effectiva: — em parte, porque nunca fôram completadas as cartas cadastraes a que ella se referia; mas principalmente, como no caso da tributação dos mocassós, porque os ranes querem que se façam cumerins, e o Governo tem entendido sempre dever fazer-lhes as vontades.

Antes de mudarmos de assumpto, queremos referir-nos ainda a um cancro terrivel da agricultura em Satary. Fallamos da agiotagem infrene, que arruina por completo os pequenos lavradores da Provincia, de si pobres e indolentes, mas que, emquanto não fôr cohibida a usura dos que lhes fornecem dinheiro para sementes, etc., não poderão pensar em se emancipar nem em melhorar a sua situação. Para dar ideia do que é esta praga, basta dizer o seguinte: a cultura dos cumerins dura, ao todo, uns cinco mezes; o rolin que a faz obtem por meio de emprestimo a semente que lança á terra, ou o dinheiro para a comprar,

pagando depois, quasi sempre em generos, na occasião da colheita. Pois o juro medio que rende, durante estes 5 mezes, o dinheiro adeantado ao desgraçado cultivador, é de 70 %, — isto é, uns 170 % ao anno! Assim, sim!, póde-se ganhar a vida «honradamente e sem trabalho»! Mas a agricultura é que nunca poderá desenvolver-se. E um caso curioso é que, estando nós na India ha mais de quatro annos, temos ouvido fallar em toda a sorte de razões explicativas do descontentamento, da penuria e da desgraça dos povos de Satary, — que se attribuem quasi sempre, é claro, á má administração do Estado, ao seu desinteresse por aquelles povos, aos despotismos dos Commandantes Militares, aos exageros dos fóros e alvidrações, etc. Mas nunca, ou rarissimas vezes, ouvimos citar como concorrendo, e, a nosso ver, primacialmente, para aquelles funestos resultados, os fantasticos juros que vencem os capitaes emprestados aos pequenos lavradores.

O remedio para este mal, unico que conhecemos, é o estabelecimento de um credito agricola, em bases simples, ao alcance de todos, e vencendo juros modicos, de 4 ou 5 %. E, embora não sejamos dos que pensam que todas as iniciativas e sempre devem partir do Estado, como geralmente se pensa na India Portugueza, entendemos, comtudo, que, neste caso especial, a elle compete a obrigação de procurar remediar o mal, cujos effeitos se reflectem tão intensamente na economia do Paiz. E cremos que não será difficil o estabelecimento do credito agricola nas Novas Conquistas. O indigena, habituado desde sempre ao emprestimo e, no fundo, honesto, paga sem difficuldade o que lhe fôr adeantado; este facto foi bem demonstrado quando, em 1908, se fez uma pequena tentativa de credito agricola em Satary e Sanguem: — todos os devedores pagaram pontual e exactamente, por sua livre vontade, as quantias que o Governo lhes emprestára por intermedio dos Commandos Militares.

Narremos agóra os acontecimentos anormaes que se déram em Satary e, em geral, nas Novas Conquistas, nos ultimos mezes. Seguiremos nesta narração a ordem chronologica e teremos que nos referir a factos que, embóra pareçam extranhos á questão, teem, comtudo, uma ligação intima com aquelles acontecimentos.

Em Novembro ultimo, recebiam-se nesta Colonia afflictivos telegrammas do Governo de Macáu, dando aquella parcella do nosso dominio como infestada de piratas, sem forças proprias sufficientes para a defeza, e, numa palavra, nas mais precarias circumstancias. Num rasgo de lealdade e patriotismo, offereceram-se para ir defender o nosso sagrado patrimonio a companhia europeia d'infanteria, a secção d'artilheria, muitos officiaes e praças e, até, muitos civis que fôram alistados nas unidades que d'aqui marcharam. Em 17 de Dezembro partiu para Macáu a expedição, composta da companhia europeia d'infanteria, da secção d'artilheria e da 1.ª companhia indigena d'infanteria, ao todo 325 homens, entre officiaes e praças.

Em 16 de Dezembro, vespera da partida da columna expedicionaria, começaram circulando boatos de que os ranes andavam fazendo umas reuniões e de que tencionavam revoltar-se, aproveitando-se da ausencia das tropas. Chegou, mesmo, a correr a noticia de que houvéra um assalto a Quelaudem, noticia que, felizmente, se não confirmou.

Passados alguns dias, começaram a dar-se as primeiras occorrencias. Mas, é curioso, e importante para a critica, constatar-se que estas se déram

em Canácona, d'onde nada constára e onde tudo parecia em socego. Tendo-se formado naquelle concelho uma quadrilha de salteadores, houve um assalto á povoação de Agonda; os bandidos prenderam alguns dos habitantes e assaltaram o posto da guarda fiscal, durante a ausencia das praças que o guarneciam, levando duas espingardas Sneider e respectivo cartuchame. Dias depois, em 1 de Janeiro, os salteadores faziam fogo sobre o administrador do concelho de Quepen e alguns soldados que o acompanhavam, proximo a Bersem, não havendo, comtudo, nenhum ferimento. Depois, foi na estação do caminho de ferro em Sonaulim, concelho de Sanguem, onde, em 20 de Janeiro, os bandidos espancaram barbaramente o chefe, maltrataram a mulher d'este e levaram as joias e dinheiro que encontraram.

Até esta data, como se vê, nada de positivo occorrêra em Satary. Corriam, é certo, boatos de sublevação e outros, mas, apparentemente, estava tudo socegado. Os acontecimentos de Canácona e Quepen obrigaram a concentrar nestas regiões uma parte das poucas forças disponiveis, e o ataque á estação de Sonaulim fez com que a Direcção da fiscalisação do caminho de ferro requisitasse tropas para guarnecer as estações da linha, desde Sanvordem até á fronteira, sendo satisfeito este pedido.

O primeiro facto anormal em Satary consistiu no incendio de uma parte das plantações de Compordem e de outra plantação em Nagoem, e deu-se em 27 de Janeiro. E' bom registar que a primeira manifestação do desagrado dos ranes «pelas injustiças e espoliações de que eram victimas», consistiu num acto de puro vandalismo praticado nas propriedades de dois particulares que nada tinham que ver com a b'a ou má administração da Provincia... Dias depois, houve duas tentativas de fogo posto nas plantações do Estado, mesmo por baixo do edificio do Commando, sendo, porém, o fogo descoberto e apagado a tempo de não causar grandes estragos. E depois, por uns tempos, nada mais houve.

Entretanto, no Sul, os salteadores iam continuando com as suas proezas. Em 30 de Janeiro, pretenderam atacar a séde do Concelho, sendo repellidos; em 3 de Fevereiro, assaltaram a aldeia Maina de Quepem, prendendo varios habitantes que levavam para depois exigir resgates; depois, cortaram o fio telegraphico entre Canácona e Cuncolim; e, na noite de 4 para 5 de Fevereiro, atacaram as aldeias do Nagorcem e Pololem, mas os habitantes, que não estiveram pelos ajustes, repelliram os salteadores, causando-lhes duas baixas.

Em 2 de Fevereiro, o Ex.mo Snr. Governador Geral, desejando esgotar todos os meios para uma solução pacifica que evitasse mais estragos e a necessidade de uma repressão violenta, resolveu ir visitar a Provincia de Satary, sendo nessa viagem acompanhado pelo Chefe d'Estado Maior da Colonia. Visitou as circumscripções de Onda, Valpoy, Cotorem e Quelaudem; em todos estes pontos fez reunir os individuos mais influentes, fazendo-lhes ver o que a conducta d'aquelles povos tinha de mau, pois que evidentemente encobrindo e protegendo os salteadores, se é que não eram, mesmo, cumplices d'estes nas suas depredações, e prevenindo-os de que os tornaria collectivamente responsaveis pelos factos anormaes que de futuro se déssem. Em toda a parte, os individuos reunidos apresentaram as suas desculpas, acompanhadas de muitos protestos de lealdade e demonstrações de humildade e submissão, aproveitando ao mesmo tempo a occasião para fazer varios pedidos e reclamações que o Snr. Governador Geral prometteu tomar na considera-

ção devida, mas só quando por completo tivessem terminado as perturbações havidas na Provincia.

De regresso a Pangim, o Snr. Governador Geral reuniu o Conselho do Governo e, com o voto unanime d'este, promulgou a portaria provincial n.º 67, de 14 de Fevereiro. Esta portaria, que tantas discussões tem levantado, póde dividir-se nitidamente em duas partes: — na primeira, medidas de repressão para as depredações que de futuro houvesse; na segunda, a concessão de certas alterações á portaria provincial n.º 153, reclamadas pelos naturaes, como acima dissemos, mas que só se tornariam effectivas quando a ordem estivesse completamente restabelecida nas Novas Conquistas. Não nos compete a nós discutir esta portaria, com a qual, diga-se de passagem, concordamos em absoluto. Não queremos, porém, deixar de nos referir a um ponto da mesma, que tem sido violentamente atacado e classificado de «medida despotica», «da edade da pedra», etc. Fallamos das disposições dos numeros 3.º a 8.º, em que se tornam collectivamente responsaveis as populações das aldeias pelos factos que nellas se dérem. Esta disposição era, a nosso ver, absolutamente indispensavel. Com effeito, os povos de Satary vivem, como atraz dissemos, numa sujeição absoluta aos seus ranes, bottos, etc.; de fórma que estes podem fazer tudo quanto lhes appetece, com a certeza de que os aldeanos, nunca, em caso algum, os denunciarão ás auctoridades, a não ser, talvez, que, com o seu silencio, fiquem prejudicados nos seus haveres; mais ainda, as populações das aldeias executam servilmente aquillo que os ranes lhes ordenam, tornando-se assim cumplices d'aquelles. — Quando, dias depois do incendio ali havido, nós visitámos as plantações de Compordem, os aldeanos, depois de muito interrogados, confessaram saber quem tinha sido o auctor dos attentados, mas declararam que o não revelariam nunca, porque, se tal fizessem, os ranes haviam de lhes cortar as mãos, — declaração que foi ouvida por umas 5 ou 6 testemunhas! E viram arder aquellas plantações, que tanto dinheiro lhes tinham dado a ganhar em salarios, sem tentar o mais pequeno esforço para extinguir o incendio, o que, de principio, teria sido facilimo, — antes, pelo contrario, affastando-se em massa do local, abandonando, mesmo, as suas casas, para que os estragos pudessem ser completos. Contra esta passividade e, digamos a verdade, cumplicidade, era indispensavel que fossem tomadas medidas energicas; e como para aquelles povos selvagens não ha estimulos moraes que os movam, só o prejuizo material poderia ter algum effeito. Achamos, pois, de todo o ponto justa e necessaria a disposição citada da portaria, da responsabilidade collectiva. — E, quanto a ser uma medida «archaica», lembraremos apenas que ella é, *hoje*, uma lei da França republicana, do paiz que marcha na vanguarda das nações civilisadas, e que foi sempre a nação liberal e generosa por excellencia, — e ainda ha bem pouco tempo foi applicada, por occasião dos tumultos na região de Champagne; está em pleno vigor nas colonias francezas da India, e tem sido applicada na Algeria; e na India Ingleza, aqui ao lado, acham-se em vigor disposições analogas, — que são applicadas, porque os inglezes não gostam de ter leis só para o papel, e, ha muito poucos mezes, foi multada em 3:000 rupias uma aldeia de Poona, onde houvera um desacato qualquer á lei. E' violenta? Sim; mas para os grandes males, os grandes remedios. E, como dissemos, para os povos de Satary, e das Novas Conquistas em geral, selvagens, sem comprehensão alguma do seu dever, e sempre mais

ou menos inclinados a secundar qualquer movimento de revolta contra o Governo, desde que esse movimento seja iniciado e dirigido pelos seus ranes, — só póde ter effeito uma medida assim, promptamente efficaz, de summaria execução, e que os vá ferir no seu unico ponto vulneravel, — o interesse material.

Depois da publicação da portaria de 14 de Fevereiro, houve um periodo de socego, e parecia que effectivamente ella tinha produzido os seus effeitos e que a Colonia regressaria em breve tempo á normalidade. As populações de Satary, em grande numero, fôram apresentar-se ao Commando Militar, offerecendo-se para coadjuvar o Governo na captura dos salteadores; cessaram os crimes de fogo posto; e, durante perto de um mez, póde dizer-se que reinou a tranquillidade. Infelizmente, porém, esta foi de pouca duração. Alguns chefes dos bandos de Satary, refugiados no territorio visinho de Saunt-vary, conseguiram arranjar naquelle territorio um numero razoavel d'adeptos; e, como o Governo daquelle districto, a pedido do Governo da Colonia, andasse procedendo com energia á captura dos criminosos lá refugiados, os bandos homisiaram-se novamente em Satary, reforçados com os partidarios que tinham arranjado, e, depois, com muita gente das aldeias, que seguiram o movimento, forçadas e de má vontade, mas levadas a isso pelo eterno prestigio dos seus ranes.

No dia 12 de Março, em Gululem, o Tenente do quadro da India, Antonio José Tolentino da Silva, que se affastara um pouco, sósinho e desarmado, do posto, foi cobarde e barbaramente ferido, pelas costas, com um tiro; transportado para o hospital militar de Pangim, a medicina nada póde fazer para o salvar, e aqui falleceu no dia 5 d'Abril, depois dos maiores soffrimentos. Este mallogrado official, cuja perda sinceramente lamentamos, foi victima da «coragem» dos ranes, a sua morte é um exemplo typico da «bravura indomavel» dos mesmos. Escondidos n'uma emboscada, apanhando um homem só e desarmado, são terriveis, matam sem dó nem piedade. Mas, atacar o mesmo homem, prevenido e armado, de frente e lealmente, — d'isso não ha, cremos, exemplo nenhum, pelo menos nas ultimas revoltas.

No mesmo dia 12 de Março foi atacada a circumscripção de Caranzol. Achavam-se lá o chefe civil e 12 praças, que se entregaram sem lucta, sendo levados prisioneiros pelos bandidos, que os soltaram passados poucos dias. Os salteadores apossaram-se do armamento e cartuchame existente na circumscripção, e lançaram-lhe o fogo, destruindo mobilia, papeis, etc.

Por esta occasião, podia já dizer-se que a rebellião era geral. Muitas povoações não quizeram, é certo, acompanhar o movimento; mas tiveram que abandonar as suas casas, fugindo para o alto dos montes, a fim de se livrarem dos ranes, que maltratavam por todas as fórmas aquelles que os não queriam ajudar e acompanhar.

Todas as columnas que transitavam pela estrada Sanquelim-Valpoy eram atacadas pelos bandidos que, escondidos nos mattos densissimos que cercam a estrada entre Buimpal e o Rerigante, faziam fogo sobre as nossas tropas. No dia 14 de Março foi atacada a séde do Commando, em Valpoy, sendo, porém, repellidos os rebeldes. Continuaram as depredações e vandalismos: no dia 23, foram novamente incendiadas as plantações de Compordem, ficando totalmente destruidas; em 24, os salteadores queimaram a bella propriedade de Amberem-Codal, arrazando as plantações do Governo que ali se achavam feitas.

*

Na noite de 25, atacaram o quartel de Bicholim, contando não encontrar ahi resistencia. Ainda conseguiram surprehender duas sentinellas, mas foram repellidos, soffrendo algumas baixas.

Em 29, marchou para Caranzol uma columna, commandada pelo Commandante Militar de Satary, e composta de uma força de 21 praças de marinha, 4 praças de artilheria com uma peça, 55 da policia indigena e 35 da segunda linha, com os seus respectivos officiaes. A columna foi vivamente atacada pelos rebeldes escondidos no matto, sustentando fogo vivo durante duas horas. Os revoltosos foram destroçados, soffrendo muitas baixas, e soube-se depois, pelos naturaes, que entre os mortos se contava um dos chefes d'elles. Dos nossos, houve a lamentar a morte de duas praças da segunda linha, ficando mais 6 homens feridos, dos quaes um gravemente.

Desde esta data para cá, nada tem havido de notavel. Continuam os tiros feitos sobre as forças que marcham pelas estradas, de vez em quando uns tiros isolados em volta de Valpoy, incendios pegados a mattas do Estado, etc.

Expostos os factos, procuremos vêr quaes foram as suas causas. Sobre este assumpto, muito se tem fallado e escripto, e teem corrido mundo muitas asneiras e mentiras. Por exemplo, disse-se que os naturaes tinham lançado fogo ás plantações dos europeus, porque o Commandante Militar, antes, mandára queimar o arécal de um botto! Ora isto é, em primeiro logar, falso, nem se comprehende que nenhuma auctoridade, por mais despotica que fosse, se arriscasse a praticar um attentado d'estes, punido por todos os codigos penaes; em segundo logar, é disparatado, e quem soubér o que é um arécal vê bem a impossibilidade que ha em o destruir pelo fogo. Lançar fogo a um arécal é tão difficil como incendiar um arrozal, — ou uma canja, segundo o espirituoso áparte, se a memoria nos não engana, do fallecido Visconde de Chancelleiros! — Insinuou-se que o Capitão Rolla Pereira propuzéra um augmento de impostos: bastará lêr todas as notas, relatorios e officios d'este senhor, durante o periodo da sua jurisdicção em Satary, e vêr se lá se encontra qualquer proposta neste sentido. — E muitissimas accusações e insinuações que nem vale a pena discutir. Se até foi dito, e lançado aos ventos da publicidade, que a maioria dos habitantes das Novas Conquistas era composta de dessays e cardessays! E' uma novidade tão extraordinaria, como se nós agora aqui dissessemos, aos que tiverem a pachorra de nos lêr, que no vasto Hindustão quasi todos os habitantes são rajahs ou marajahs!

Mas, d'entre as causas apontadas, algumas ha que merecem referencia especial, — não porque sejam mais reaes do que as outras, mas porque, sendo baseadas em factos, embora deturpados e falsamente interpretados, poderão parecer verdadeiras aos que de perto não conheçam a questão.

Assim, em primeiro logar, foi indicada como causa da sublevação de Satary a questão das alvidrações e das extorsões feitas pelo Commandante Militar por occasião da fixação das mesmas. Vejamos em que consistem essas alvidrações, e quaes os factos anormaes que se deram na sua fixação. — Nos termos da portaria provincial n.º 153, a que já varias vezes nos referimos, é permittido o arrendamento annual de terrenos do Estado pelo systema de alvidração, que consiste essencialmente no seguinte: — o indigena requer para cul-

tivar uma certa área de terreno; o assumpto é informado pelo chefe da circumscripção ou regedor da aldeia onde se acha situado o terreno, e depois resolvido pelo Commandante Militar que, no caso de deferimento, manda passar a competente licença. Antes da época da colheita, é a cultura alvidrada ou avaliada pelo chefe da circumscripção ou regedor, acompanhado dos cultivadores; e só depois d'isto, de pagas as competentes taxas (15 % da producção bruta), é que póde ser feita a colheita e levantamento do producto. Mas, «aos Commandantes Militares e administradores dos concelhos compete verificar pelos meios ao seu alcance se a alvidração foi bem feita» (artigo 133, paragrapho 1.º). Vejamos o que aconteceu com as alvidrações de 1910, — que são aquellas a que se refere a «accusação». Decorridos os tramites legaes, foram feitas as competentes alvidrações. Depois d'ellas feitas, porém, o Commandante Militar, suspeitando que nesse serviço tivesse havido irregularidades, mandou proceder á verificação das mesmas alvidrações em Valpoy. Por esta verificação se reconheceu que, effectivamente, as primeiras alvidrações estavam baixas, resultando d'ahi um prejuizo para a Fazenda Nacional de 540-04-11 rupias (216$108 reis). Em vista d'isto, o Commandante Militar transferiu o chefe de circumscripção que procedera á primeira alvidração, transferencia que foi confirmada pelo Governo Geral da Colonia; e propoz que, apezar de estarem já pagas, pelo menos em parte, as primeiras alvidrações, se exigisse dos cultivadores a differença acima indicada. Contra isto houve uma reclamação de alguns Satarienses, mas o Governo Geral não lhes reconheceu valor nenhum e indeferiu a pretensão, prorogando, comtudo, o praso para pagamento voluntario das rendas alvidradas. Os aldeanos conformaram-se com a decisão do Governo e pagaram dentro do praso marcado o excesso resultante da segunda alvidração. Isto deu-se em principios de 1911 e, em 10 d'Abril do mesmo anno, limite do praso fixado para o pagamento, estava tudo liquidado e a Provincia continuou por largos mezes em completa tranquillidade. Tanto assim que, quando em Maio do mesmo anno, o Ex.mo Snr. Governador Geral visitou Satary, nenhuma reclamação houve contra o Commando, apezar de então se terem reunido em Valpoy representantes de todas as aldeias.

Analysando friamente os factos, o que se reconhece? Primeiro, que se conheceu não estarem bem feitas umas alvidrações feitas por um determinado chefe de circumscripção; sobre este ponto, nada ha a dizer, pois aquelle empregado acha-se relegado ao poder judicial para apuramento de responsabilidades. Segundo, quanto ao procedimento do Commandante Militar, vê-se que elle procedeu honestamente, cumprindo o seu dever em zelar os interesses do Estado; não quiz fazer favores á custa da Fazenda Nacional, — foi esse o seu grande crime, que muito boa gente lhe não póde perdoar. Finalmente, como é que factos, passados em principios de 1911, que no mesmo anno ficaram completamente liquidados e em que nunca mais se fallou, foram, quasi um anno depois, dar origem a uma revolta, que começou por não ser mais que uma serie de roubos, praticados por uns bandidos, que para esse fim aproveitaram a occasião de se achar consideravelmente reduzida a guarnição da Provincia?...

Outra accusação, absolutamente gratuita, contra o Commandante Militar, é a de elle ter mandado prender e encarcerar numa fortaleza (« fortaleza », em Satary, é favor) os «capatazes» do grupo que veio reclamar contra o

caso das alvidrações. Esta accusação tem, pelo menos, a qualidade de ser apparatosa; sôa muito terrivel, faz lembrar horrores da Inquisição e outras selvagerias da Edade Média... Tem, porém, o defeito de não ser exacta. Por occasião das segundas alvidrações a que atraz nos referimos, o fousdar civil (regedor) de Palle, andou promovendo umas reuniões de protesto, procurando exaltar os animos das populações contra o Commando Militar. Este propoz ao Governo Geral que tal funccionario fôsse removido para Pangim e aqui detido até á definitiva resolução da questão. Assim se fez: o fousdar foi mandado apresentar em Pangim, acompanhado do respectivo auto de averiguações; e, apezar de tudo o que contra elle se apurou, foi posto em liberdade poucos dias depois, com uns bons conselhos sobre o seu procedimento futuro,—conselhos que, de resto, parece que não surtiram grande effeito! E' mais um exemplo a confirmar o que já atraz dissémos: com gente semi-selvagem, o perdão nunca dá bons resultados. Mas... onde estão os taes capatazes presos? E a tal fortaleza, onde se estão mesmo a adivinhar uns carceres muito escuros e fundos, ferros e variados instrumentos de tortura?... Declaramos, sinceramente, que não sabemos. Quem inventou tudo isto, que o mostre...

E o terror e receio que se apoderou dos roitos, ao verem presos os seus «capatazes», e que fez com que todos abandonassem as suas aldeias, refugiando-se nas mattas, onde, desprovidos de meios de subsistencia, se dispuzeram a saltear?!... Tambem não conhecemos nada d'isto, e podemos apenas garantir o seguinte: os terriveis casos das alvidrações e das suppostas prisões dos capatazes, déram-se em principios de 1911; desde então, já visitamos Satary umas cinco vezes ou mais; vimos muita gente, percorremos muitas aldeias, fizémos, nas taes mattas varias caçadas; pois, francamente, não vimos signaes nenhuns de terror, as povoações estavam habitadas, as populações seguiam a sua vida normal; e, nas mattas, encontramos... alguma caça, — não tanta, infelizmente, como desejariamos.

E são estas as principaes razões com que se pretende *justificar* o procedimento dos habitantes de Satary. Outras teem sido apontadas; mas, francamente, nem merecem discussão.

Viria aqui a proposito, perguntar a que será devido o empenho manifestado por muita gente de querer, a todo o transe, *desculpar e justificar* as revoltas dos ranes. Interesse? Medo? Ignorancia da verdade? Atavismo, que fizesse com que certas pessoas ainda conservassem uma especie de respeito e submissão pelos que outr'óra fôram seus senhores? — Não sabemos, nem importa aqui discutil-o. A nosso ver, como já bem claramente démos a entender, estas revoltas, alem dos incalculaveis prejuizos materiaes que causam, são uma verdadeira vergonha para o Paiz. Não se comprehende, nem se admitte, que, numa Colonia tão pequena, conquistada ha tantos annos, a occupação Portugueza tenha sido tão deficiente, e a sua dominação tão pouco proficua, que, ainda hoje, haja regiões onde essa dominação é uma palavra vã, provincias cujos habitantes, ao mais pequeno motivo, se revoltam, e onde, emfim, certos individuos põem e dispõem da propriedade e, até, das vidas da população, como de cousa sua.

Mas quaes serão, emfim, as verdadeiras causas dos acontecimentos havidos em Satary? A nosso ver, ha causas proximas e causas remotas, que procuraremos expôr o mais claramente possivel.

A causa proxima, immediata, foi evidentemente a sahida da expedição para Macau. A Colonia, que já tinha um effectivo militar extremamente re-

duzido, apezar de tudo o que, contra o «militarismo», teem prégado aquelles que, agora, pedem tropas e mais tropas, — para as repartições de Fazenda, para as administrações e, até, para habitações particulares, — ficou muito parcamente guarnecida. Este facto fez com que se formassem as quadrilhas de Canácona, que não fôram, nunca, mais do que bandos de salteadores, tendo como fim unico o roubo. Convencidos, os individuos que faziam parte d'essas quadrilhas, de que o Governo não dispunha de elementos para os dominar e conter, acharam a occasião propicia para se entregarem aos seus actos de rapinagem. Ora, de Canácona, não constava que houvesse qualquer reclamação a respeito de extorsões ou violencias por parte dos funccionarios publicos. Quaes eram, pois, os «sagrados direitos» que aquella gente tinha a revindicar? Como explicar os assaltos e outras ocorrencias, senão pela convicção em que estavam os seus auctores, de que ficariam impunes?

Em Satary foi, ao principio, a mesma cousa. Alguns individuos, seguindo o exemplo dos de Canácona, e julgando-se, ainda mais do que estes, livres de represalias por parte do Governo, — não só por a região lhes ser mais favoravel, mas, ainda, porque já parte das poucas forças da Colonia se achavam occupadas em Canácona, Quepem, etc., — resolveram aproveitar a occasião para roubar e para fazer mal aos europeus, que elles nunca vêem com bons olhos, destruindo-lhes o fructo dos seus trabalhos. Mas, em Satary, estes individuos, ranes, na sua maioria, tinham um poderio enorme sobre o resto da população e conseguiram, por isso, arrastar parte d'esta para o movimento, ou pelo menos, fizeram dos habitantes uns cumplices passivos dos seus actos. Entretanto, e apezar de todas as difficuldades que o problema offerecia, o Governo da Colonia ia dispondo as suas forças de fórma a poder fazer face a estas quadrilhas. Fôram effectuadas algumas prisões; e a publicação da portaria de 14 de Fevereiro fez com que as populações das aldeias se revoltassem um pouco contra os ranes, pois temiam os effeitos que para si resultariam dos estragos feitos por estes. Os bandidos tomaram, então, o partido de se refugiarem no territorio visinho, em Saunt-vary; ali procuraram, e conseguiram, reunir alguns adeptos, e, de vez em quando, faziam incursões em Satary, retirando novamente para o extrangeiro, logo que se viam perseguidos pelas nossas forças. A prompta annuencia do Governo da Colonia visinha ao nosso pedido de captura dos criminosos que ali se achassem refugiados, e a effectivação d'esta promessa com a prisão d'alguns cabeças, — tornaram a situação insustentavel para os bandidos que, então, se internaram em Satary e, desesperados, cercados por todos os lados, se declararam abertamente em revolta. Depois... o prestigio dos ranes; o terror causado pelas barbaridades praticadas por elles a um ou outro individuo que se manifestou abertamente hostil ao seu movimento; a superstição; a tradicional sujeição á vontade dos seus senhores; e a esperança, a confiança absoluta de que tudo acabaria, como sempre, por uma larga amnistia,... fizeram o resto, a rebellião alastrou-se e transformou-se num levantamento quasi geral da Provincia de Satary. Mas, para explicar a revolta, era preciso um motivo, para a tornar sympathica, era preciso que os rebeldes armassem em martyres. Por isso, os ranes, ou os seus amigos e conselheiros, agarraram-se... ás alvidrações de 1910, ás extorsões e violencias do Commandante Militar, exagero dos impostos, etc.

Mas, se eram estas as verdadeiras causas, — porque se não revoltaram

elles quando os factos se déram, isto é, quando, ha mais d'um anno, fôram obrigados, por uma «extorção do Commandante Militar», a pagar o excesso das alvidrações?!... Porque é que se revoltaram, tambem, os ranes de Canácona?!... Porque é que ambos os movimentos começaram por depredações e roubos, praticados contra individuos que não tinham responsabilidade alguma naquellas suppostas violencias?!... Porque é, finalmente, que a revolta é capitaneada por um individuo que, ha um anno, nem sequer estava em Satary, que lá não tem interesses, — e sustentada, em grande parte, por extrangeiros que, certamente, não poderão ter razão de queixa do Commandante Militar de Satary?!...

Não; as explicações e desculpas que se apresentam para justificar a rebellião, não se manteem um momento de pé, perante a analyse serena dos factos. Os ranes revoltaram-se, porque acharam o momento propicio para uns roubos que esperavam ficassem impunes; revoltaram-se, porque viam o desenvolvimento que ia tomando a Provincia, e com o seu progresso e com o estabelecimento de extrangeiros civilizados e trabalhadores no meio das populações, viam diminuir o seu prestigio, o seu dominio sobre aquelles povos; revoltaram-se, emfim, porque a sua indole a isso os levava. E agora, continuam com a revolta, porque no fim esperam o perdão. Inventam, ou alguem inventa por elles, justificações e desculpas, — e já dizem que, se o Capitão Rolla Pereira sahir de Satary, acabará todo o movimento e ficará a Provincia tranquilla. Acreditamos bem que assim fosse: — com esta solução, viam elles as suas desculpas consideradas verdadeiras; d'ahi, o seu procedimento justificado e, como consequencia logica..., uma pedra sobre o passado, tudo perdoado, tudo esquecido; o seu prestigio realçado, a sua invencibilidade mais uma vez demonstrada, Satary cada vez mais considerada como cousa delles, os roitos continuando a pagar-lhes o que elles quizessem; e, d'aqui por alguns annos, quando outra gente, esquecida dos acontecimentos e confiada na possibilidade do engrandecimento da Provincia, tentasse novas emprezas, fundasse novas plantações, elles revoltar-se-iam de novo, e de novo tentariam o «truc» das extorsões e violencias do Commandante Militar!...

Mas, dissémos, ha umas causas remotas que explicam a rebellião dos povos de Satary. Dos *povos*, não; os roitos e goulys não se revoltam, vão para onde os levarem os seus ranes, e os factos a que nos vamos referir interessam principalmente a estes. Estas cousas são bem faceis de deduzir para todos os que conhecem de perto a Provincia, e cremos que a rapida descripção que atraz fizemos do Paiz, dos seus habitantes e dos usos e costumes d'estes, fará comprehender sufficientemente as nossas razões. Essas causas remotas são, a nosso ver, as seguintes: — o desenvolvimento das plantações, feitas por individuos extranhos á Provincia; a reversão para o estado dos terrenos concedidos a certos individuos, que os não aproveitaram devidamente nos termos da lei; a reducção e, num futuro mais ou menos distante, a extincção dos cumerins; e a tributação dos mocassós.

O desenvolvimento das plantações é um golpe terrivel para os ranes. Com o estabelecimento de extrangeiros na Provincia, vae-se rompendo pouco a pouco o veu de obscurantismo que envolve por completo aquelles povos; os roitos habituam-se a ver gente que trabalha, e para quem o «rane» não representa um poderio que é necessario acatar e temer; trabalhando nestas plantações, o roito

ganha melhores salarios, que lhe são pagos regularmente no fim da semana; emfim, vendo os resultados colhidos pelos outros e creando, ao serviço d'estes, habitos de trabalho, o roito procurará tambem, no seu pequeno aforamento, cultivar as novas plantas, fundar pequenas propriedades que lhe garantam o seu futuro, a sua alimentação na velhice, livre e independente da tutéla gananciosa dos seus senhores. O rane não póde, evidentemente, ver com bons olhos este progresso, porque assim vê acabar-se-lhe o seu prestigio e, com este, os seus meios de subsistencia. Liberto o roito, que fará o rane? Ou ha-de trabalhar, — cousa a que não está habituado e de que não gosta, — ou viverá miseravelmente tendo que pedir por esmola o sustento de que precisa. E' preciso, portanto, pôr fóra os extrangeiros, sobretudo os brancos; é preciso que o roito fique eternamente ignorante, eternamente pobre, eternamente servil.

A reversão para o Estado de terrenos não cultivados: muitas concessões teem sido dadas, desde muitos annos, a ranes, bottos, etc., que, hoje como ha dez ou vinte annos, estão absolutamente incultas, perdidas, abandonadas. Mas as condições do contracto prescreviam a reversão para o Estado, se a cultura não fosse iniciada dentro d'um certo praso e não progredisse numa certa proporção. Esta, disposição da lei, como muitas outras foi sempre lettra morta; já cança, até, repetil-o: os ranes, bottos e companhia foram sempre, até hoje, senhores absolutos de Satary, e as leis Portuguezas eram para elles, — uma brincadeira com que se entretinham os Governadores e Commandantes Militares. Mas, ultimamente, elles começavam a ver que as leis eram feitas para serem cumpridas; e a portaria provincial n.º 500, de 15 de Novembro ultimo, foi para elles um «ultimatum»: ou cultivavam ou abandonavam os terrenos. Isto não convinha, porque, com a perda de terrenos, viria a perda de auctoridade, o que elles não podem tolerar de fórma alguma.

A prohibição dos cumerins é, para o indigena de Satary, um dos peiores males, — representa a necessidade de fazer outras culturas menos commodas, de trabalhar, emfim. Ora, o desenvolvimento das culturas civilisadas havia necessariamente de ir restringindo a área onde se poderiam fazer cumerins. Alem d'isto, o novo projecto de regimen de terras, que já não é segredo para ninguem, prescrevia a extincção total dos cumerins, num praso de 15 annos. Notemos que esta disposição não é nenhuma novidade, já a portaria 153, de 1906, fixava um limite, que coincide com este de agora, para a permissão de cumerins. Mas, agora, começa-se a acreditar na possibilidade de, em Satary, se cumprirem as leis, e a extincção dos cumerins apparecia já como um perigo imminente, que era preciso affastar..., por meio d'uma revolta, que lembrasse ao Governo Portuguez que Satary é dos ranes e que, portanto, só elles pódem saber o que lhes convém.

A tributação dos mocassós tambem não é exigencia nova do fisco implacavel. Já, como dissemos, era lei de 1896, — e agora, até, propõe-se uma reducção grande dos fóros então fixados. Os mocassós representam o dominio directo do senhor. Nos terrenos abrangidos por elles, ninguem póde fazer culturas sem pagar ao dono aquillo que este exigir. A sua tributação, que se via effectiva num futuro proximo, obrigaria á sua cultura, para pagamento do fôro, ou ao seu abandono e reversão para o Estado; além d'isto, representava a suzerania do Conquistador, dos Portuguezes, — o roito começaria a convencer-se de que, acima do dessay,

existe um Governo, a quem o proprio dessay obedece e paga fóros. Isto não convem, e urgia que, por todos os meios, fôsse impedida ou demorada a realisação d'esta ameaça.

São estas, cremos, as causas fundamentaes do descontentamento dos ranes. Bem sabemos que elles o não confessarão, nunca. Bem sabemos, tambem, que muita gente e muitos jornaes nos accusarão de partidarismo, de odio, de rancor pelos prejuizos soffridos, de espirito de classe, de preconceitos de raça, etc. Mas, sinceramente, estamos absolutamente convencidos, de que temos do nosso lado a razão e a verdade. E, se ha outras causas da revolta dos ranes, que alguem as aponte, e as explique e as prove. Se erramos na apreciação que fizemos dos povos de Satary, digamnol-o francamente. Mas, por Deus!, deixemo-nos de achar sempre razão aos que se revoltam; discutam-se as leis e as resoluções dos Governos, mas não se diga, sempre e por principio, que essas leis ou resoluções são más, — porque não agradaram aos povos para quem fôram feitas, sobretudo se esses povos são semi-selvagens, como os de Satary; e, finalmente, ponhamos completamente de parte o velho e mau costume Portuguez de considerar que «todo o funccionario é mau, emquanto não provar o contrario», e acceitemos o principio melhor, mais generoso e, felizmente, mais verdadeiro, de que «todo o funccionario é bom, emquanto se não provar que procedeu mal».

Fômos muito longos na exposição que acabamos de fazer, — e por isso, naturalmente, muito poucos terão a paciencia de lêr o que fica dito. Mas o assumpto é absolutamente desconhecido para a maioria dos Portuguezes, por isso tinha que ser completa a descripção, — e nós desejavamos acima de tudo ser claro, para que os nossos argumentos pudessem ser pezados e discutidos por aquelles que se interessem pelo assumpto.

A provincia de Satary é uma parcella pequenissima do nosso dominio colonial; mas é tão fertil, offerece tantas facilidades a todas as emprezas agricolas, que bem merecia um pouco mais de attenção por parte dos nossos governantes, do que aquella de que até hoje tem gozado. E, se os factos que acabamos de narrar, os prejuizos soffridos pelo Estado e por particulares, fossem origem d'um interesse intelligente e bem orientado por aquella lindissima região, ainda se poderiam talvez considerar como bem empregados todos os dissabores, sacrificios e perdas que a rebellião tem causado.

Castiguem-se, severamente, os chefes e incitadores; pacifique-se a Provincia e estabeleça-se lá uma occupação effectiva, que mantenha sempre o prestigio do nome Portuguez e que sirva de garantia de segurança de propriedades e de vida aos que, para o futuro, queiram tentar o que nós e outros até hoje não conseguimos; eduque-se o indigena, creando-se-lhe habitos de trabalho, e forneçam-se-lhe os meios indispensaveis para que elle possa livremente exercer a sua actividade; o Estado que promova e facilite o estabelecimento de emprezas, a introducção de culturas ricas, a exploração dos productos de valor existentes nas mattas; — e assim, em poucos annos, Satary será sem duvida, uma das joias das nossas possessões ultramarinas, um centro agricola modelo, rico e florescente, — o que muito sinceramente desejamos e esperamos ver.

Nova-Goa, 8 d'Abril de 1912.

ULTIMAS EDIÇÕES

DE

Magalhães & Moniz, L.da

11, Largo dos Loyos, 14 — PORTO

Eduardo de Noronha

A apostasia d'um bispo — Novella inacreditavel mas verdadeira de um homem que foi fidalgo, frade, bispo, nababo, general, etc., primorosamente illustrada. — Broch. 1$000; enc. . . . . 1$200
Memorias d'um gallego. 1 vol. br. 800
O Passado... — 1 vol. br. 800

Antonio Correia d'Oliveira

Alma Religiosa — Versos, com uma linda capa illustrada. — Broch. 600

Eugenio de Castro

O Filho Prodigo — Poema biblico. — Um volume. 300
Sylva, 2.ª edição — Um volume. . 500

Julio Brandão

Figuras de barro — Um volume artisticamente illustrado. — Broch. 500

Teixeira de Pascoaes

Marános — Poema. — Um volume com capa illustrada 600

Augusto Epiphanio da Silva Dias

Annotações aos «Lusiadas» — 2 grossos volumes . . . . . 2$500

Silva Pinto

Saldos — Critica á vida social e politica. — Um volume. 600

Apontamentos sobre os Lusiadas. Ensaio de critica ás criticas do Poema Nacional, por um *curioso obscuro.* Um grosso volume broch. . . . . 2$500

Léon Poinsard

Portugal Ignorado. Um elegante volume 600

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(ASPECTOS DO PENSAMENTO HUMANO:
DIVULGAÇÃO SCIENTIFICA, PHILOSOPHICA E LITTERARIA)

Volumes mensaes de 200 a 250 paginas, in-8.º, magnificamente impressos.

Preço d'assignatura em Portugal

Uma serie de 6 volumes . . . . 1$600
« » » 12 » . . . . 3$000
Preço de cada volume, avulso. . 300

Franco de porte.

Para o estrangeiro accresce o porte de 50 reis por volume.

VOLUMES PUBLICADOS

I — **A Tristêza Contemporanea,** por H. Fierens-Gevaert.
II, III e IV — **Os Grandes Iniciados,** por Edouard Schuré, 3 volumes.
V — **A origem do homem,** por Charles Darwin.
VI, VII e VIII — **Deus na Natureza,** por Camille Flammarion
IX — **A evolução das sciencias,** por Houllevigne.
X e XI — **A Biblia da Humanidade,** por Michelet. 2 volumes.
XII — **Leis Psychologicas da Evolução dos Povos,** por Gustavo Le Bon.
XIII e XIV — **Historia Social: O Povo,** por Michelet.

Volumes a publicar já traduzidos

XV, XVI, XVII e XVIII — **Historia da Revolução Franceza,** por Edgar Quinet
XIX — **Os Super-Homens,** por Emerson.
XX — **A Allemanha,** por Jules Huret.
XXI — **Assim fallou Zarathrusta,** por Nietzsche.
XXII e XXIII — **Do que provém a superioridade dos Anglo-Saxões,** por E. Desmoulins.
XXIV — **Além Mar,** por Paulo Bourget.
XXV — **Philosophia da Arte,** por Taine.
XXVI e XXVII — **Os Heroes** *(o culto dos Heroes, o Heroico na Historia),* por Carlayle.
XXVIII — **A Consciencia Nacional,** por H. Berenger.

DT
498
.7
C3

Cabral, Gonçalo
Índia Portugueza

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 16 27 23 04 009 6